

Hahnemann plagiou Tomás de Aquino?

Silvia I. Waisse de Priven*

Resumo

O uso dos métodos historiográficos pode ser proveitoso na elucidação da teoria homeopática. Como estudo de caso, escolheu-se a hipótese de Masi Elizalde a respeito de um suposto plágio cometido por Hahnemann de um texto de Tomás de Aquino. A comparação filológica, a análise do contexto histórico e a aplicação das abordagens mais recentes na história das ciências têm se mostrado úteis.

Palavras-chave

Homeopatia. Tomismo. Masi Elizalde. Plágio.

Abstract

The use of historiographical methods may be of profit in elucidating homeopathic theory. As case study, Masi Elizalde's controversial hypothesis concerning a supposed plagiarism of a Thomas Aquinas' text by Hahnemann is analysed. Philological comparison, analysis of historical context and the application of the most modern approaches in the History of Science are shown as useful tools.

Keywords

Homeopathy. Thomism. Masi Elizalde. Plagiarism.

* Especialista em Pediatria pela Sociedad Argentina de Pediatría e pelo Consejo de Certificaciones Profesionales da Academia Nacional de Medicina Argentina. Especialista em Homeopatia pela AMHB. Responsável pelo Departamento de Teoria e História da EPH. Mestre em História da Ciência pela PUC-SP.

O estatuto da homeopatia como medicina científica tem sido problemático desde a sua concepção. Ao longo do século XIX, abordagens médicas precedentes da Antiguidade foram finalmente superadas, ao mesmo tempo em que novos modelos eram formulados a fim de se construir a medicina sobre bases “científicas” sólidas¹. A homeopatia surgiu como uma dentre as novas propostas. Portanto, foi natural que se erigisse um escudo denso de proteção ao seu redor².

Essa estratégia defensiva, aliada a outros fatores políticos, sociais e econômicos, pode ajudar a explicar como foi que a homeopatia se afastou do mundo médico científico exterior, transformando sua literatura num corpus quase sagrado, a ser transmitido de geração em geração sem quaisquer mudanças³.

O caso que se discute neste artigo pode ser considerado exemplo paradigmático da hipótese colocada acima. Refere-se a uma das teses mais polêmicas da homeopatia contemporânea.

Alfonso Masi Elizalde (Argentina, 1932-2003) sugeriu um novo modelo para a homeopatia, baseado na filosofia escolástica de Tomás de Aquino. Isso resultou numa abordagem original da teoria e prática homeopáticas, que conquistou rapidamente muitos seguidores no mundo inteiro.

A posição de Masi Elizalde pode ser sintetizada da seguinte forma⁴. A homeopatia argentina testemunhou uma evolução vertiginosa na segunda metade do século XX, especialmente sob a influência de Tomás P. Paschero (1904-1986), discípulo de Grimmer, por sua vez, discípulo direto de James T. Kent. A elaboração da homeopatia por Paschero como uma “medicina da pessoa” ou “medicina antropológica” eventualmente virou-se para a antropologia psicanalítica, em virtude de sua penetração na sociedade argentina.

Masi Elizalde questionou esse viés, alegando que os *frameworks* homeopáticos deviam ser procurados na própria homeopatia ao invés de se importar modelos alheios. Por esse motivo, dedicou-se ao estudo da psicologia, a fim de detectar indícios das idéias antropológicas de Christian F.S. Hahnemann⁵.

Entretanto, diante da incrível variedade de teorias psicológicas, não soube por onde começar. Portanto, optou por aquela que acreditava ser a abordagem psicológica mais “clássica”, a menos questionada, a saber, a psicologia escolástica. Foi durante a leitura da *Summa Teológica* de Tomás de Aquino (ca 1225-1274) que teve um *insight* revelador: havia achado as palavras literais de Hahnemann nas páginas da *Summa*.

Considerou esse fato como justificativa suficiente para um salto epistemológico que lhe permitiu inferir uma identidade absoluta entre o pensamento de Tomás de Aquino e o de Hahnemann. Portanto, dedicou a segunda fase de sua pesquisa à leitura da homeopatia através de lentes escolásticas, o que o convenceu plenamente da acurácia de seu *insight* original.

O resultado foi uma abordagem original da teoria e prática homeopáticas, extremamente frutífera em termos terapêuticos.

Mas do outro lado, uma abordagem homeopática religiosa – aliás, Católica Romana – estava naturalmente destinada a provocar a mais esquentada polêmica. Muitos homeopatas sentiram-se moralmente ofendidos pela inclusão da religião em medicina. Foram colocados muitos argumentos para se refutar as teses de Elizalde, especialmente sua crença fundamental: Hahnemann havia articulado a homeopatia com base na filosofia escolástica.

Masi Elizalde afirmava ter “muitas provas” do Escolasticismo de Hahnemann. Entretanto, com o

1. S. Priven, “Hahnemann, um médico de seu tempo. Articulação da doutrina homeopática como possibilidade da medicina do século XVIII”. Dissertação de Mestrado em História da Ciência. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

2. R. Jütte, “Historiography of Non Conventional Medicine in Germany: A Concise Overview”. *Medicine History*, 43 (1999): 342-358.

3. Isto tem sido comentado por outros autores. Cf., por exemplo, A. Saine, “Hering’s Law: Law, Rule or Dogma”, Website of the Canadian Academy of Homeopathy. http://www.homeopathy.ca/articles/hering_law.html Fevereiro 2004.

4. Masi Elizalde não escreveu livro algum. As únicas fontes documentais são as Atas de seu Instituto de Altos Estudos Homeopáticos “James Tyler Kent”. Explicava uma e outra vez que por estar seu pensamento em evolução, temia que qualquer obra impressa já fosse obsoleta no próprio momento da publicação. Do outro lado, passou os últimos vinte anos de sua vida proferindo palestras na Europa e América do Sul. Uma quantidade das mesmas foram gravadas e depositadas na biblioteca da Associação Paulista de Homeopatia. Essas fitas e notas tomadas pela autora em palestras são as fontes utilizadas neste artigo.

5. Vale a pena destacar que qualquer discussão em homeopatia começa, inevitavelmente, por uma referência a seu fundador. A historiadora da ciência, Prof^ª Dr^ª Ana Maria Alfonso-Goldfarb explica que isso se deve à natureza essencialmente histórica da homeopatia. Comunicação pessoal.

6. Nos últimos anos de sua vida, Elizalde não insistia apenas na verdade desse “plágio” em suas palestras, mas fez sua missão pessoal ensinar essa idéia a seus pacientes. Comunicação pessoal de ex-pacientes de Elizalde.

passar dos anos reduziu essas “provas” a uma tese central: Hahnemann havia plagiado Aquino⁶. E continuava explicando que não o havia plagiado apenas por gostar de algumas de suas idéias ou do estilo literário, mas que esse plágio era sinal da identidade absoluta de pensamento entre ambos. Vale dizer, Hahnemann não teria citado a autoria das referências que teria tomado de Aquino por negligência ou, pior, desonestidade, mas pelo fato de ambos pensarem exatamente igual, essas referências eram totalmente supérfluas ou, mesmo, desnecessárias.

O que achou Masi Elizalde em Aquino que o convenceu tão positivamente?

“... chifres e unhas, que são as armas de alguns animais, a espessura da pele, pêlo e penas que os cobrem, constitui mais uma evidência do elemento terreno, que a homogeneidade e delicadeza da complexão humana aborrece; foi por causa de tudo isso que não eram convenientes para o homem. Em seu lugar, ele tem a razão e as mãos, através das quais pode-se procurar por si mesmo todo tipo de armas, roupas e coisas necessárias à vida, de mil maneiras diferentes...”⁷

Ao ler este parágrafo, Elizalde imediatamente lembrou idéias similares em Hahnemann:

“O homem, considerado como animal, foi criado mais desprovido que todos os outros animais. Não tem armas congênicas para sua defesa, como o touro; rapidez para fugir de seus inimigos, como o cervo, nem asas, nem nadadeiras; não tem uma armadura impenetrável à violência, como a tartaruga; não tem lugares de refúgio fornecidos pela natureza, como têm milhares de insetos e vermes para sua segurança; não tem estrutura física para segurar seus inimigos, como a que faz formidáveis ao porco-espinho e ao torpedo; não tem ferrões como o marimbondo, nem dentes venenosos como a cobra, está exposto, sem defesa, a todos os ataques dos inimigos hostis. Nada tem para opor à violência dos elementos e [condições] climáticas. Não está protegido da ação da água pelo pêlo brilhante da foca, nem pelo óleo das penas do pato, nem pelo suave escudo do besouro d’água; seu corpo, apenas um grau mais leve do que a água, flutua mais desvalidamente nesse meio que o de qualquer outro quadrúpede e está em risco de morte instantânea. Não está protegido como o urso polar nem o pato, por uma cobertura impenetrável ao vento do norte. Quando nasce, o cordeiro sabe onde procurar o seio materno, mas o bebê desvalido pereceria se o seio materno não lhe

fosse oferecido. Onde seja que nasça, a natureza não lhe fornece alimento pronto, como fornece formigas para o tamanduá, lagartas para o ichneumon fly, as pétalas abertas das flores para as abelhas. O homem está submetido a um número muito maior de doenças que os animais, que nascem com um conhecimento secreto dos remédios para esses inimigos invisíveis da vida, instinto do qual o homem carece. Só o homem sai, dolorosamente, do ventre materno, tenro, suave, nu, indefenso, desvalido e destituído de tudo o que poderia tornar sua existência suportável, destituído de tudo o que a natureza fornece ao verme do pó para tornar sua vida feliz... Mas eis que a Eterna Fonte de todo amor só deserdou o homem da natureza animal a fim de dotá-lo tanto mais ricamente com essa faísca de divindade – uma mente – que capacita o homem a se procurar por si mesmo a satisfação de todas suas necessidades... – uma mente, que em si mesma indestrutível, é capaz de criar para sua moradia, sua frágil natureza animal, meios mais poderosos para seu sustento, proteção, defesa e conforto, do que a mais favorecida das criaturas...”⁸

A conclusão de Elizalde foi taxativa: Hahnemann havia plagiado Aquino, porquanto é “evidente” demais a exata correspondência entre os dois textos e, como mencionado acima, Hahnemann não citou a fonte onde havia obtido o seu. Disto inferiu a “identidade de pensamento” entre Hahnemann e Aquino, que sintetizou dizendo que “a homeopatia nada é senão a Escolástica aplicada em medicina, ou a medicina escolástica”.

Elizalde não colocou sua idéia apenas como uma entre várias possíveis, mas como o único caminho possível para se compreender a “ortodoxia homeopática”, a verdadeira homeopatia hahnemanniana. Com base nisso, submeteu a homeopatia a uma “revisão crítica”, desenvolvendo o plano que havia desenhado: elucidar a homeopatia sob uma perspectiva hermenêutica escolástica.

Como mencionado acima, essa abordagem tornou-se polêmica imediatamente, originando dois “lados” irreconciliáveis: partidários e críticos igualmente apaixonados. Entretanto, nenhum foi capaz de produzir evidência sólida para fundamentar a aceitação ou a rejeição.

Esse impasse pode ser explicado pelo fato de que a episteme homeopática não inclui ferramentas para a realização do tipo de análise necessária. Da mesma forma que história da medicina tradicional, a historiografia da homeopatia parece ignorar que nenhuma ciência pode ser analisada sem referência a seu contexto.

7. Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, Q. 91^a, art. 3^o. Buenos Aires, Club de Lectores, 1988, vol. IV, pp. 193-4.

8. Hahnemann, “The medicine of experience” in R. E. Dudgeon (org.), *The Lesser Writings*. Nova Delhi, B. Jain, [s.d.].

A noção de “plágio” não pertence ao léxico do historiador da ciência. Esse pesquisador sabe que quando um cientista se atribui idéias de outro ou atribui suas idéias a outro, isso não implica automaticamente em “plágio”. A exigência de citação das fontes é muito recente: não era normativa no século XVIII como o é hoje. Na Antigüidade e na Idade Média, por sua vez, era prática comum que um autor desconhecido desejoso de fazer conhecer suas idéias as difundisse sob o nome de uma autoridade consagrada. Foi assim que surgiram o “falso Aristóteles”, o “falso Jabir” e muitos outros “falso...”. Essa prática já não mais era favorecida no século XVIII, que assim representa a transição entre essa prática antiga e nosso moderno “direito de autor”.

Este fato básico historiográfico já alcançaria para refutar a tese do plágio de Elizalde, mas outros aspectos também devem ser levados em conta. Nossa pesquisa nos permitiu descobrir que o texto citado acima não foi obra original de Aquino. Muito mais antigo é a História Natural de Plínio (século I). Essa obra enciclopédica foi a principal referência em história natural até a época de Conrad Gesner (1516-1565) – quem, aliás, seguiu a abordagem de Plínio. Nessa obra pode-se ler:

“...de todas as outras criaturas vivas, ela produziu o homem totalmente nu, e o vestiu com os bens e riquezas dos outros. Para todos os outros ela deu o bastante para vestir cada um de acordo com seu tipo: a saber, conchas, espinhas, puas, pêlos, penas e lâ. Os próprios troncos e caules de árvores e plantas ela defendeu com cortiça e casca, e às vezes duplas, contra as injúrias do frio e do calor; só o homem, coitado, ela jogou todo nu sobre a terra, já no dia de seu nascimento, para chorar desde a primeira hora em que é trazido ao mundo; de forma que, dentre tantas criaturas vivas, nenhuma é tão sujeita às lágrimas e o choro quanto ele... Quanto tempo não deve passar antes que possa andar sozinho? Quanto até que possa balbuciar e falar, alimentar-nos sozinhos, mastigar nossa carne? Quanto tempo não continua latejando nossa fontanela até que o crânio se complete, a clara marca que trai nossa imensa fraqueza diante de todas as demais criaturas? O que deveria eu dizer acerca das doenças e enfermidades que pronto atacam nossos fracos corpos? O que preciso falar de tantos medicamentos e remédios pensados contra essas doenças; além do mais, doenças novas aparecem todos os dias, como para sermos capazes de combatê-las com nossa medicina? Dentre todas as demais criaturas, não há nem uma só que por um instinto secreto não conheça o que é bom para ela:

algumas utilizam suas ágeis patas, outras suas asas voadoras; ... outras são aptas para nadar...; o homem não conhece nada disso se não for ensinado; não pode falar, nem andar, nem comer, se não for treinado; por natureza, não é bom para nada exceto para chorar... A vida do homem é a mais frágil de todas, vive na mais mínima segurança; nenhuma criatura anda tanto atrás dos prazeres quanto ele, nenhuma é tão medrosa quanto ele, mais angustiada e aterrorizada... Para finalizar, todas as demais criaturas vivem bem e em ordem, cada uma de acordo com seu tipo: as vemos agrupar-se, prontas para combater as de tipo contrário; os leões, ferozes e selvagens como são, não lutam um contra outro, as cobras não mordem outras cobras com seus dentes venenosos, os monstros e peixes gigantes do mar não combatem uns com outros...”⁹

Mas há ainda uma versão mais antiga do mesmo texto, pertencente a um autor que pode ser considerado um dos pilares da cultura ocidental. Referimo-nos a Platão (século V a.C.). Em seu diálogo “Protágoras”, elabora sobre um antigo mito helênico acerca do início do mundo:

“Houve um tempo havia só deuses, não havia criaturas mortais. Mas quando chegou o momento de criá-las, os deuses as fizeram de terra e fogo e várias misturas de ambos os elementos no interior da terra; e quando estavam para colocá-las à luz do dia, mandaram Prometeu e Epimeteu equipá-las e distribuir nelas suas qualidades próprias. Epimeteu falou para Prometeu, “Deixa eu distribuir, você faz a verificação”. Foi concordado e Epimeteu fez a distribuição. Para alguns deu força sem agilidade, enquanto equipou os fracos com agilidade; armou alguns e outros deixou inermes, e planejou para eles outros meios de preservação, fazendo alguns grandes, tendo o tamanho como proteção, outros pequenos, cuja natureza era voar no ar ou se esconder dentro da terra, essa era sua forma de escape. Assim ele as compensou a fim de evitar a extinção de qualquer raça. E quando os havia provido para evitar que uma destruísse a outra, também planejou meios de protegê-las contra as estações dos céus, vestindo-as com pêlo e peles grossas suficientes para defendê-las do frio inverno e resistir o calor do verão, a fim de que tivessem um leito natural próprio para quando quisessem repousar, também lhes forneceu chifres e pêlo e peles duras e grossas sob os pés. A seguir, para algumas deu as ervas do solo como alimento, para outras os frutos das árvores, para outras raízes, e para outras, animais como

9. Plínio, “Preface to book VII”, *Historia Naturalis*. Website James Eason, University of Chicago. Version of Philemon Holland (1601) <http://penelope.uchicago.edu/holland/pliny7.html> Julho, 2003.

alimento. Algumas fez pouco prolíficas, outras muito, e assim a raça era preservada. Assim fez Epimeteu, que como não era muito sábio, esqueceu que havia distribuído entre os brutos todas as qualidades que tinha para distribuir – quando chegou no homem, que ainda estava desprovido, ficou terrivelmente perplexo. Foi então que chegou Prometeu para inspecionar a distribuição, e viu que todos os demais animais estavam adequadamente providos, mas que só o homem estava nu e sem sapatos, sem cama, armas nem defesa. Estava se aproximando a hora em que o homem deveria sair na luz do dia, e Prometeu, sem saber como salvá-lo, roubou as artes mecânicas de Hefastos e Atena, e o fogo com elas... e os deu ao homem. Assim o homem tem a sabedoria necessária para o sustento na vida... e assim foi provido com os meios para a vida...¹⁰

E ainda achamos mais uma versão do mesmo texto. Pertence ao astrônomo britânico John F. W. Herschel (1792-1871), portanto contemporâneo de Hahnemann:

“A situação do homem no globo que habita e sobre o qual obteve o controle é, em muitos aspectos, muito notável. Comparado com os outros moradores, parece, se só olharmos sua constituição física, inferior a eles sob quase todo aspecto e igualmente mal provido [das coisas que precisa] para suas necessidades naturais e sua defesa contra os inúmeros inimigos que o rodeiam. Nenhum outro animal passa tão grande parte de sua existência em estado de desproteção absoluta, nem chega à velhice numa imbecilidade tão protraída e lamentável. Para nenhum outro animal de sangue quente negou a natureza essa cobertura indispensável sem a qual as vicissitudes do clima temperado e os rigores do clima frio são igualmente insuportáveis; a quase nenhum foi tão medida [ao fornecer] armas, para atacar ou se defender. Igualmente desprovido de rapidez e de armas para repelir a agressão de seus vorazes inimigos; suscetível às influências atmosféricas; inadequado para os alimentos grosseiros que a terra fornece espontaneamente no mínimo dois terços do ano, mesmo nos climas temperados, – o homem, quando abandonado ao mero instinto seria, dentre todas as criaturas, a mais desprovida e miserável. Distraído pelo terror e acossado pela fome; levado aos expedientes mais abjetos para se esconder de seus inimigos, e aos artefatos mais covardes para a

captura e destruição de sua nobre presa, sua existência seria uma de contínuo subterfúgio ou estratégia; – sua moradia ficaria nas cavernas da terra, em fendas entre as pedras, nos ocos das árvores; seu alimento seria vermes e os répteis inferiores, ou os poucos produtos crus que seus órgãos poderiam... Apenas notável pela ausência desses poderes e qualidades que fornecem aos demais animais um grau de segurança e respeito, seria desprezado por uns, caçado por outros, até que, depois de algumas gerações, sua espécie tornar-se-ia completamente extinta ou, no melhor dos casos, restringir-se-ia a umas poucas ilhas em regiões tropicais, onde o clima cálido, o pequeno número de inimigos e a abundância de alimentos vegetais lhe permitiriam sobreviver.

Contudo, o homem é o senhor absoluto da criação. Até a mais forte e mais feroz das outras criaturas – a baleia, o elefante, a águia e o tigre – ele mata para satisfazer sua menor vontade, ou ele domestica para que o sirvam ou ele caça por esporte. A natureza toda é requerida diariamente para seu uso cotidiano, ora oferecida mais ou menos prontamente, ou relutantemente, nas minas, florestas, oceanos e o ar. Tais são os primeiros frutos da razão.¹¹

Ainda devemos levar em conta o contexto cultural particular de Hahnemann. Durante o século XVIII e até o Tratado de Viena (1815), a atual Alemanha era ainda o Sacro Império Romano Germânico, que não constituía uma unidade política, mas era um conglomerado de pequenos estados feudais¹². A heterogeneidade não era só política, mas também religiosa. Vale a pena lembrar que mesmo na atualidade, a definição religiosa alemã é um valor fundamental de identidade, muito diferente da situação na América do Sul¹³.

A Saxônia, a pátria de Hahnemann era um ducado protestante. É muito difícil se acreditar que Hahnemann possa ter aprendido teologia escolástica em instituições luteranas de ensino. E também é difícil se imaginar que tenha aprendido um sistema tão vasto e complexo durante sua estada na, também protestante, Leipzig, onde não só tinha que freqüentar aulas, mas precisava fazer traduções e dar aulas particulares para ganhar a vida.

Poder-se-ia pensar que se familiarizou com as obras de Aquino durante sua estada na católica Viena. Entretanto, essa visita durou apenas nove meses, que foram dedicados à aprendizagem da medicina prática.

10. Plato, Protagoras, <http://classics.mit.edu/Plato/protagoras.html> The Internet Classics Archive - MIT. Julho, 2003.

11. John F. Herschel, *A preliminary discourse on the study of natural philosophy* (1830). Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1987.

12. M. Fulbrook, *A Concise History of Germany*. Cambridge, Cambridge University Press: 1990, p. 70.

13. Até recentemente havia um imposto compulsório no valor de 8-9% do salário destinado para alguma comunidade religiosa, chamado o Kirchensteuer. Cada contribuinte só tinha direito de escolher a denominação à que seria entregue.

Para não nos estendermos mais: é muito difícil – senão impossível – descobrir quando foi que Hahnemann virou um erudito escolástico em qualquer época de sua vida. Do outro lado, sempre que se referiu explicitamente à Escolástica o fez da forma mais crítica possível.¹⁴

A evidência sugere que seria bem mais razoável se inferir que Hahnemann estava mais familiarizado com os autores gregos clássicos, como ele mesmo nos conta em sua “Autobiografia”¹⁵ do que com o dogmatismo católico romano, alheio a seu *background* e ambiente cultural.¹⁶ Do ponto de vista da análise estrita de textos, a assimetria entre a versão de Aquino e as outras quatro é óbvia demais.

Como contraprova, analise-se o caso de Herschel.

Novamente um protestante, inglês, cuja família era de origem judia. Como explicar que também ele também houvesse estudado teologia católica?

Todas as evidências apontam para o fato de que a tese de Elizalde para explicar a inclusão do texto que estamos discutindo na Medicina da Experiência não é acurada. O mais provável é que esse texto fosse um motivo comum, frequentemente utilizado ao longo da história e, por ser tão bem conhecido, ninguém mais mencionava a sua fonte original. É altamente provável que o reencontremos nas obras de outros autores.

A homeopatia já está bastante estabelecida para não temer a revisão de seus conceitos e métodos. É bastante madura para fazer frente aos fantasmas que herdou junto do corpus propriamente clínico e terapêutico. “Exorcismos” como os realizados neste artigo só podem contribuir para o desenvolvimento de uma homeopatia verdadeiramente “científica”. Neste contexto, deve-se dar as boas vindas às ferramentas fornecidas por outros campos do saber.

14. Cf. uns poucos exemplos: *The Lesser Writings*, op. cit., “Dietetic conversation...”, p. 184; “A nursery...”, p. 251; “View of professional liberality...”, pp. 364-5. Todo o período da Ilustração foi fortemente crítico à Escolástica.

15. C. F. S. Hahnemann, [“Autobiographie”] in J. M. Schmidt & D. Kaiser (orgs.), *Samuel Hahnemann: Gesammelte kleinen Schriften*. Heidelberg, Karl F. Haug, 2001. Publicada originalmente em J. K. P. Elwert, *Nachrichten von dem Leben und den Schriften jetzlebender deutscher Aertze, Wundärzte, Thierärzte, Apotheker und Naturforscher*. Hildesheim, 1799, vol.1, 195-201.

16. Além do fato de Hahnemann brincar com o estilo de Platão, como no diálogo, “Socrate et Physon. Les apparences et la réalité; où se trouve le bonheur” (1795), *Études de médecine homéopathique*. Paris: Maloine, 1989. Vol. 2, pp. 260-265.

- ✦ Manipulação de fórmulas
- ✦ Essências Florais
- ✦ Fitoterápicos
- ✦ Chás Medicinais
- ✦ Alimentos Dietéticos e Integrais
- ✦ Produtos Naturais



magna vita

Pharmácia de Homeopatia

www.magnavita.com.br

Fazemos entregas. Solicite seu medicamento por fone ou fax.

Rua 24 de Maio, 77 - loja 10 - Centro - SP • Tel: (11) 223-2788 / Fax: (11) 223-9023 • e-mail: magna.vita@uol.com.br